Espaço Criação

Londrina, janeiro/2014

Manifesto de um acadêmico maldito (p. 2)
Marcelo Pessoa

O devorador do tempo (p. 8)
Caroline Kalil

revista Estação Literária

Suplemento: Espaço Criação

Revista Estação Literária. Programa de Pós-graduação
em Letras da Universidade Estadual de Londrina: Londrina.
Vol. 12 (jul–dez/2013). on-line: http://www.uel.br/pos/letras/EL/, 2013.

15 f.

Publicação Semestral
Desde: Março 2008

ISSN: 1983-1048

Revista Acadêmica de Estudos Literários e Culturais

CDU 82(05)

Universidade Estadual de Londrina
revista Estação Literária
ISSN 1983-1048
DESDE 2008

MANIFESTO DE UM ACADÊMICO MALDITO

Marcelo Pessoa

1. Adestramento às Avessas: Réquiem

Vou queimar todos os fantasmas, todos os rótulos. Vou acender uma fogueira ritual com todas as minhas letras e, nela, na fogueira santa de todas as divindades públicas e particulares do ensino, da pesquisa e da extensão, incinerar todos os meus ancestrais vernaculares. Quero matar de fome a doença civilizatória que me coloniza a boa estilística e a excelência do uso da língua. Não quero mais as máscaras, os totens da gramática, da métrica, da parataxe! Dai-lhes, aos gramófagos (uma vez que jazem a comerem grama), o repouso eterno! Quero a essência, viver minha indecência e meu despudor linguístico. Beberei do meu suor poético enquanto me alimento do meu próprio sangue artístico. Celebrarei a minha morte contínua e minha eternidade vã. Muitas são as sortes, poucas são as vidas. Vou viver todas as vidas que me permitam flertar com todas as mortes – essa é a única vida que vale a pena ser vivida. Perambular por todas as noites à procura de um mal, de um século, de uma transgressão teórica, de uma hipótese vadia. Quero a intensidade que destrói tudo o que eu conheço. O destino? Sabes o que é o destino? É um método. É um projétil que o futuro lança atrás para lentamente matar o passado, asfixiando-o sob as unhas do presente, inscritas nas pautas de um cronograma. Chamarei todos os meus fantasmas semânticos e dançarei com eles o meu fado. Violarei os tratados, pulverizarei as filosofias e os sábios valendo-me da fluidez ligeira do verso do repente. Não quero mais modelos, nem réplicas, nem paradigmas, nem prodígios exemplares. Desejo o meu primitivo, o meu ritmo binário, sanguíneo e visceral, e também o mais espontâneo e brutal. Amo o improviso e a fluência do compasso cósmico que, como um rapper, me conduz ao desalinho da poesia em prosa. Terei, em breve, e isso eu prometo, minha alma de volta para matá-la sempre que eu quiser: não preciso mais ser homem, e nem deixar de ser mulher.

Eu sou todos os sexos ainda que abomine a todos os gêneros. Caminhando sobre os escombros disso tudo que se chama cosmos citadino, saio à cata dos restos e ao encontro de meu caos. Esse lixo me interessa, e é, na verdade, o que nos movimenta e nos impulsiona. Os mitos, os ritos e os magos festejam o meu réquiem. Meu texto é o meu cortejo fúnebre, o livro é meu cárcere eterno, o LATTES é meu atestado de óbito. O concurso público é minha tumba. Qualquer edital me promete um bom funeral, e o seu cerimonial é o meu cortejo fúnebre. Cadê minha sabedoria? Onde estão, oh! Onipotências e deidades científicas? Aonde foi parar a minha coragem? Sai logo dessa toca, animal selvagem e incontrolável! Transforme-se num acadêmico maldito! Desce do seu cavalo alado e pela CAPES qualificado! Pousa o seu tridente na fogueira criativa de meu ventre. Vem mostrar a tua face aos cegos que te evocam ao meu redor! Canta o teu canto num canto de uma rua qualquer: quero ouvi-lo, quero lê-lo numa linha despretensiosa qualquer. Violentamente satisfeito, saciado, me viro do avesso, me reconheço aqui: reconheces-te, leitor? Eis o que sou, eis o que somos, o que deveríamos ser! Sem aceitar a essa força que a anima a humanidade é inanimada, é uma desumanidade, formatada e acadêmica. Somos plantas engessadas saindo todos os dias pelas ruas das cidades, arrastando morbidamente nossas rotinas e raízes didáticas seguindo um protocolo auto sugerido de perpetuação de uma existência medíocre que não queremos mais, mas, obrigados a carregá-la para aqui e acolá pela própria omissão, vivemos num sem-graça, eterno, rolando morro acima a nossa mítica pedra filosofal. Rompamos com a fotossíntese herdada dos deuses! Sejamos nosso próprio deus, adoremos a nossa própria luz!

2. Intervalo para pensar na vida

Caiu de paraquedas aqui, não? Pegou o livro por engano? Ganhou de presente de aniversário e ficava chato devolver? É elegante ler o que seu orientador está escrevendo, publicando? Quantas desculpas você ficará inventando a si mesmo? Assuma logo que essa merda de livro é interessante ou então joga essa porra fora, vende no sebo, devolve na livraria e pede desculpas, usa como calço na mesa da cozinha, enfia na bunda ou guarda na prateleira e esqueça-o por uns anos, uns duzentos anos pelo menos. Seja igualmente competente para perceber que o acaso não existe. O livro dos malditos não veio parar na sua mão por impulso casual divino, trazendo nas palavras as boas-novas da bendição literária e da leitura

comportada. Tem nele alguma coisa literal que lhe diz que algo não está pegando bem na sua alma, e você sabe o que é, é quase literário e você só não tem é peito pra encarar, certo? Eu nem precisava dizer-lhe tudo o que estou dizendo. Você já sabe o que está ferrando com a sua vidinha de poeta de segunda, não sabe? Olhe para o espelho e pergunte-se qual o barato que a gente sente dentro do processo de qualquer terapia, deitado no divã à mercê de um terapeuta. Não, não é esse espelho, imbecil! Não é para olhar o espelho do quarto, o de vidro. Este não serve! O melhor espelho é aquele mental. Existe uma imagem mental que você mesmo construiu para dizer-lhe todo dia o que você é ou o que você tem de ser. Pergunte a ela, para a imagem mental, se está tudo bem mesmo ou se a calmaria que você se esforça pra construir ao lado dela é só uma aparência. A terapia de choque proposta aqui por este acadêmico maldito funciona pelo mesmo motivo que o terapeuta funcionaria. Ou seja, funciona como se fosse esse bendito espelho de vidro à sua frente, te dizendo sempre o que você já sabe, só que você ainda não tem coragem ou não sabe como verbalizar. É arrogante de minha parte chamá-lo de imbecil? Bom, se quiser, posso chamá-lo de otário, contudo, saiba que você ainda não havia ouvido nada melhor. Isso não é autoajuda – está mais para autoflagelação, acredite. Faça um teste. Experimente gritar no meio da rua "eu sou um imbecil!". Viu, imaginou como seria? Vão te chamar de ladrão, de bicha, maconheiro! Não é melhor ouvir de mim ou de você mesmo do que confiar em deus ou na política de bom-mocismo que nos molda? O silêncio à sua volta transpira um suor impregnado de interesse. Perto de você todos se calam porque querem tirar algum proveito. O silêncio faz ao menos duas coisas com a sua vida. A primeira faz você pensar que nem existe. A segunda legitima, por falta de cobrança e por excesso de atenção mesmo, a sua condição de entidade inoperante no sistema. Você é como um papel higiênico: limpa o cu, mas, quando resolve dizer a que veio, inflama a hemorroida e precisa ser descartado, posto de lado, substituído. Deixe de ser pudico e desconfie das palavras dóceis e santificadas que lhe dirigem diariamente! Desmonte a sintaxe do seu vocabulário plástico e pasteurizado – falando ou ficando calado, ninguém te respeitará mais ou menos! Tudo que é gratuito, bonito e politicamente correto o transformou no ser asséptico que você é hoje. Se está feliz com "isso" o que você e que as pessoas que te amam são, então, feche a merda deste livro e jogue-o no lixo! Agora! Se não jogou fora este amontoado de palavras enfeitadas pela chancela QUALIS da obra que as encarta, melhor, talvez, seja bom ver como é vender a alma para o demônio. Cada autor discutido nos textos desse volume já vendeu a alma um dia! Viu em quais pessoas bacanas estamos nos tornando? De um lado, seres inexistentes,

submissos, de outro lado, um bando de rebeldes rejeitados pelo sistema – o mundo é um paradoxo anatômico! Assim como você deveria desejar, eu também conheci o demônio. Eu sei onde ele mora. Ele sempre muda de endereço para não ser descoberto. O nome da rua da casa dele é o seu DNA, e o número da residência é o ISBN (se for rua), ISSN (se for avenida), ou DOI (se morar na puta que o pariu!). O demônio, colega, se deixa ver, dentre outras formas QUALIS/CAPES, também quando a gente fica sem dinheiro. Aí, sim, quando perdemos o emprego, é que a gente vê o capeta! Mas o que eu quero saber não é se ele é ou não o seu holerite, mas se você venderia ou já está negociando a venda de sua alma pra ele – já está aguardando o aceite, não é!? Venderia? Já vendeu? Está pensando em vender? O que você pediria em troca da sua alma? Dinheiro, sabedoria, um emprego, poder, drogas, putas, um LATTES cheinho de citações, JCRs altíssimos, um monte de números vermelhos e azuis? O quê mais? Todo mundo na universidade só sabe é ser mendigo. Passa-se metade da vida acadêmica aprendendo a pedir, e a outra metade esperando a morte, que vem bem devagar, enquanto perdemos a vida preenchendo os relatórios prestando contas do que recebemos, ou ainda chorando os *nãos* que a vida grita-nos diariamente aos ouvidos. O importante não deveria ser o fator de impacto do que eu publico, mas o quanto que tudo o que faço impacta a minha vida, quanto tudo isso me leva de tempo, tempo que nunca mais volta! Mas é assim, sei que não adianta nada esse ou aquele dizer, gritar, escrever! Você, eu, parecemos mesmo estarmos cegos e surdos, meu velho! Será que já não deu pra sacar que deus não é seu empregado e que o demônio não será o seu próximo patrão? Levanta a bunda do banco da vida, faz a mala do pensamento, e muda a direção do teu destino. Mas isso tem que ser agora! O trem da vida está apitando na curva desta nova estação. A vida não é e nunca foi uma sombra gostosa parada ali na esquina esperando a mim e a você! Está chegando às suas mãos, um trem lotado de gente, e tem um detalhe: não tem vagão pra todo mundo viajar. Nada disso, idiota! O demônio não existe pra foder com isso nem com aquilo – ele só dá o parecer! Deus também não vai te levar pra Canaã, para o vale encantado dos aceites A1, onde correm leitos repletos de fomentos e verbas para os seus textos e projetos, tudo emitido sem ressalvas. Ou você acha que deus e o demônio são seres diferentes de você mesmo? Quem inventa um deus para servir-se Dele como se aproveitaria de um escravo, também cria um demônio para punir os excessos que comete quando usa o seu Deus de modo exagerado. Essa é a lógica da sobrevivência. É Robin Wood existencial, você vive tirando o excedente de Deus para dar ao diabo e vice-versa. Essa é a porra da sua vida te pedindo perdão ou,

quem sabe, se jogando no abismo tentador da publicação sem QUALIS ou daquelas que são pagas. E, quando assim o fizermos, diremos: Viva, finalmente tornei-me uma puta científica de respeito!

3. Quero ver se você aguenta mais um pouco

Porra! Presta atenção, caralho! Viram? Desde o começo do manifesto eu não facilitei as coisas pra ninguém? Eu sei que vocês queriam um texto limpo, sem baixo calão, proverbial, fácil, compreensível, polidinho, todo teórico e retórico. Sinto desapontá-los, mas eu não queria escrever aqui um gibi, nem um paper, nem um jingle pra te convencer a comprar ou a aceitar coisas das quais não precisa. Isso também não é uma receita de bolo de leite condensado com frutas vermelhas em cima. Eu não perpetuo as doenças! Não esperem, portanto, encontrarem-se lendo palavras amáveis, didáticas e acolhedoras. Vocês não tiveram nestas e nem terão nas próximas linhas instantes memoráveis de uma leitura reconfortante para os fins de tarde, tomando chá ao pôr-do-sol, mastigando bolo inglês. Pelo contrário, ler este texto foi e ainda continua sendo um desencanto para as vossas virtudes existenciais e profissionais – acho até que você deve vomitar as suas virtudes acadêmicas neste papel, isso daria um charme à obra toda. Querem saber o porquê? Porque eu estou pouco me fodendo para o seu pudor visual, intelectual e auditivo: sentimentos patéticos! Muito menos para a sua criação familiar pseudo-conservadora, para a sua moralidade religiosa-masoquista, e para a sua formação acadêmica nota sete no ranking da casa do caralho! Menos ainda para a tradição e os bons costumes da sociedade apodrecida que nos acolhem com sorrisos emoldurados, com dentes estragados e bafo traiçoeiro de jiboia. Quero mesmo é que todos se explodam! Muitas vezes fico pensando, por que é que vocês não agem? Por que vocês não se mancam e dão um rumo diferente a isso tudo que aprenderam a chamar de suas vidas? Mas não adianta né, vocês estão mesmo é esperando um messias, um guru, um palestrante fodão pra mostrar o caminho certo – de novo! De novo, né, essa merda de deus, de Gandhi, de Martin Luther King, de Che Guevara, de Derrida, de Bauman, é o respeito ao demônio da teoria! Ou será que estão esperando que a fada madrinha lhes enfie a varinha mágica pelo rabo adentro, a fim de terem um orgasmo intelectual? Não se esqueçam, esse texto é um desconto de fadas, que se passa no reino tropicalista da produtividade científica. Eu não sou o ungido, nem o mágico mascarado, nem o predestinado da Matrix, logo, peguem o seu lugar na fila e fiquem

à vontade pra não gostar de mim. E sabe o que é mesmo foda, é que ninguém é o que queríamos que fossem, e ninguém gosta do modo como nós realmente somos. E daí? Ninguém tem de ser, ninguém tem que gostar. Então, não fiquem esperando isso de mim, eu não espero nada disso de vocês! Papai Noel não existe e nem vai reencarnar no corpo do seu orientador que tem bolsa de produtividade nível triplo A1 sem ressalvas fator de impacto JCR 300. Então, porque haveria de existir um Deus ou pessoas com as mesmas características? Só pra te dar presentes, pra te aprovar no processo seletivo desse ou daquele edital, pra te bajular, pra te salvar? Vejam que isto não é a salvação, do mesmo modo que a chibata foi o melhor para a escravidão. Usar a força do opressor contra ele é a melhor arma. Enquanto isso, deixem de ser idiotas! Ou, então, fiquem aí sentados no pé da lareira esperando a carruagem puxada pelos veadinhos chegar! Sabem, essa nossa burrice reacionária, às vezes, até que faz sentido. Afinal, algum animal de carga tem de puxar a carroça carregada de fantasmas sociais e de profetas acadêmicos, não acham? Não vou pegar vocês no colo e contar uma historinha de ninar. Não vou proteger vocês da enchente. Não vou ser compreensivo e entender os vossos motivos. Pobreza não justifica falta de bom senso. Necessidade de faxina não justifica falta de higiene. Faxina é asseio no atacado, higiene é limpeza no varejo! A ignorância não explica a covardia. Se vocês não são volitivamente capazes para resolverem seus conflitos, porque acreditam que alguma escritura desta obra o seria? Esta é a esperança individual e coletiva agonizante devotada aos livros de autoajuda que ainda suspira silente nos egos? Então, vou lhes ajudar dizendo uma palavra de conforto: fodam-se! Ou melhor, fiquem aí, esperando que algum cristo de plantão desça novamente do céu e solucione os seus problemas infantis. Quem sabe ele lhe melhore a sintaxe de ser-estar dentro e fora de qualquer universidade. É bastante cômodo! Lembrem-se, eu sou o lobo mau, se marcarem bobeira, eu lhes como a bunda! Vida real é Sodoma na cabeça, Dom! Enrabarei-lhes de todos os jeitos possíveis! Agora, então, vocês poderão dizer por aí, que eu sou louco, ou que sou a sua fada madrinha, e meu texto nesse livro é a minha varinha de condão. Pronto, agora que conhecem o meu segredo, podem enfiá-lo no cu! Estou hóspede da goteira, mas minha casa é a tempestade!

revista Estação Literária
Universidade Estadual de Londrina
ISSN 1983-1048
DESDE 2008

O DEVORADOR DO TEMPO

Caroline Kalil

Frederico abre os olhos cansados, ainda na cama espera a vista se desembaraçar enquanto o despertador do celular ecoa na madrugada fria aquele forró horroroso em formato de arquivo de som *midi*.

É como se o coração parasse antes mesmo de se levantar da cama, e um mal-estar súbito toma o peito como que queimando por dentro. Talvez o sangue fosse mais grosseiro pela manhã, talvez fosse apenas a velha preguiça. Não há escolha. Antes mesmo da natureza se encarregar de lhe desembaraçar a vista, Frederico esfrega os olhos, acende a opaca luz do abajur e procura em vão pelas chinelas ao lado da cama. Pisa o chão frio e, sem humor algum para ser bom ou ruim, vai trôpego pelo corredor até o banheiro para tirar o gosto amargo da boca.

O despertador toca mais uma vez, vibrando o celular.

— Porra...

O dia parecia não querer amanhecer, sem contar que a coloração meio laranja e meio azul escuro do céu dizia que a manhã seria longa. Nem era dia, ainda, e já se ouvia o barulho do trânsito, vozes ecoando prédio acima, o ranger dos caminhões transportando carga para algum lugar.

A água fria da torneira da pia do banheiro era desanimadora, mesmo assim não teve escolha. Era lavar o rosto ou jamais se dar por acordado. Enquanto flertava consigo escovando os dentes diante do espelho, talvez por narcisismo, talvez pelo hábito, notou que a pele do rosto estava diferente: marcas de travesseiro, talvez. Parecia mais pálida, mais porosa, tinha os olhos abatidos e desidratados. Não saberia dizer se as pálpebras estavam inchadas de sono ou caídas.

Não havia tempo para um gole de café. O despertador do celular tocou aquele forrozinho novamente, e continuaria tocando, de dez em dez minutos, a menos que Frederico decidisse desligá-lo.

Era ensurdecedor àquele horário.

— Merda de pasta... Cadê, meu Deus?! Só porque eu to com pressa... achei.

Antes de sair verificou tudo: as roupas jogadas na cama, a pasta de dente aberta na pia do banheiro, a louça do jantar ainda o esperando na cozinha. Os documentos, os sapatos que imitam os modelos italianos, o blazer mal passado. Gira a chave duas vezes trancando a porta, respira fundo e desce a escadaria do pequeno prédio de esquina da Rua Boulevard com a Jorge Amado, no Bairro das Camélias. Dali até o centrão da cidade onde trabalha teria duas viagens de ônibus. Talvez desse tempo para um café.

Chegou atrasado ao ponto de ônibus. Não era seu costume, sempre vinte minutos de antecedência era a regra. Mas estava torridamente atrasado naquele dia. Maldita prostituta, tão boa, tão delícia. Maldito uísque doze anos. O celular toca o forrozinho de novo.

— Caralho! – mas desta vez, ao menos, desliga o despertador do celular, envergonhado em meio a outros trabalhadores e vagabundos que esperam pelo ônibus no ponto.

A boca amargosa pela ressaca pedia um café. Talvez na primeira descida, se a padaria da Leste não estivesse muito lotada... Ficou ali parado. O circular das quatro e meia da manhã já tinha passado, restava pegar o das cinco horas. Precisava de um café. Talvez não desse tempo.

Enquanto esperava, um homem assobiava recostado no poste do ponto de ônibus, uma mulher acariciava outra no banco, alguns jovens estudantes falavam mal de algum professor. Frederico achou engraçado. Também já falou mal de seus professores. Era bom ter um professor para se falar mal. Sentiu as mãos um pouco secas. As unhas pareciam amareladas, talvez pela nicotina dos cigarros da noite passada. Uísque sempre pede um charuto ou um cigarro. Cheirou-as discretamente. Não estavam feito cinzeiro. Reparou as unhas. Pareciam mais espessas, tinham sutis sulcos que queriam emergir na superfície e estavam tão amareladas quanto seus dentes.

O tempo parecia morto. Um senhor passou oferecendo balas. Balas de hortelã às quatro e cinquenta da manhã. Meu Deus, balas de hortelã.

— Quero uma. – disse Frederico.

— São cinquenta centavos.

Frederico sacou uma moeda de um real do fundo do bolso da calça social que não conseguia imitar direito o modelo italiano, e pagou-lhe.

— Fico com duas.

O casal de namoradas que se acariciava no ponto também quis. Em seguida os estudantes, talvez pensando na fome à hora do intervalo. Frederico pensava no amargo da boca, já muito seca, precisando de saliva e menta. Abriu desengonçadamente o pacotinho de balas *halls*, que parecia muito bem lacrado, depois jogou uma das balinhas na boca, aliviado, ainda necessitado de um café forte.

Tinha algo estranho na boca, mas somente quando a bala derreteu o suficiente para a primeira mordida é que teve então certeza. Sentiu alguma coisa sambando junto à bala. Alguma coisa dura e pontiaguda. Discretamente levou uma das mãos à boca e, com a língua, expulsou o corpo estranho: era um pedaço de dente. Não sentia dor, nem nada. Fitou a sua volta. Ninguém o reparava. Coçou a cabeça, um pouco desconcertado consigo.

O circular das cinco horas chegou. Frederico era um dos primeiros da fila. Antes da porta se abrir pôde ver o reflexo no espelho. Havia algo estranho, mas foi uma impressão tão rápida, tão repentina, que talvez fosse apenas impressão, mesmo. O reflexo no vidro da porta do ônibus que se abriu diante de Frederico não era Frederico. Ao menos, não o reconheceu como tal. Mas é óbvio que devia ser outra pessoa que vira no reflexo do vidro imundo da porta do ônibus. Estava atrasado. Maldita prostituta, maldita deliciosa prostituta. Por que tomou aquele uísque?

Enfim. Não havia banco vago para sentar-se. Um jovem ofereceu lugar. Imaginem!

— Pode ficar. Estou bem em pé.

O jovem rapaz não insistiu. Por que oferecera seu lugar? Com um terno barato, sapatos falsos e uma maleta velha, não parecia uma pessoa ilustre e menos ainda em um ônibus superlotado já insinuando odores às cinco horas da manhã.

Desceu na Rua Quinze de Setembro e dirigiu-se à padaria. O próximo ônibus para o centrão só passaria às sete horas. Um atraso leva a outro atraso,

esta é a regra. E a norma é estar sempre vinte minutos adiantado, para nunca atrasar-se, esta é a norma, "Maldita prostituta! Por que fui tomar aquele uísque?"

Frederico subiu os degraus da padaria devagar. Sentia-se cansado. Por sorte não havia ninguém sentado no cantinho do balcão, bem ao fundo, onde gostava de ficar. Colocou a maleta num canto, sentou na banqueta e pediu um café "graxa".

— Ora, Sr. Frederico! Quanto tempo! É pra já!

O atendente muito sorridente entregou-lhe o café e o jornal.

— Obrigado. Queria mesmo ler o jornal.

Bebeu o primeiro gole. Quente, amargo, encorpado. Podia sentir as papilas gustativas ficando amarelas tingidas pela tinta da bebida. Fitou a rua. Leu alguns títulos no jornal. Estranho... Não encontrou nada sobre Costa e Silva ou Castelo Branco. Reparou a data do cabeçalho, talvez este jornal fosse velho. Assombrou-se, "Terça-feira, 2 de julho de 1996". Só podia ser uma piada. Notou que suas mãos estavam estranhas. Tinham sulcos e veias e vasos de artérias que pareciam saltar-lhe.

— Meu senhor, venha cá! – disse chamando o atendente. — Que dia é hoje?

— Acho que dois de julho, senhor. Terça-feira. O jornal é de hoje.

— É brincadeira. Não pode ser...

O atendente ficou prostrado sem entender. Também não quis esticar o assunto.

— Preciso ir ao banheiro. Tem algum por aqui? – sentia-se confuso.

— O senhor está bem? Temos o banheiro dos funcionários se não se importar.

O rapaz correu a entregar-lhe a chave e indicou o caminho por detrás do balcão. Frederico seguiu rápido até o local tomado de uma confusa angústia e fechou a porta, trêmulo. Sentia-se mal, perturbado. Verificou suas mãos mais uma vez. Devia ser sonho. Estavam velhas, caquéticas, raquíticas até! Não, não!

Abriu a torneira e jogou água fria, bem fria no rosto. Fitou as mãos trêmulas. "Terça-feira, 2 de julho de 1996", repetia consigo, "2 de julho de 1996", "2 de julho de 1996". Era sandisse! Sandisse! Era Segunda-feira, 6 de novembro de 1967, estava certo disso. Mas e os prenúncios do Natal? Não vira nenhum anúncio prenunciando as campanhas natalinas... Só que era início do mês, claro que não. Bobagem, nunca atentara para essas coisas. Talvez estivesse

sonhando. Seu peito palpitava, e as mãos, que pesadelo, meu Deus, estas mãos raquíticas, o que são? Reparou um pequeno espelho pendurado no canto direito do banheiro mal iluminado. Segurou-o como que segurasse a própria vida, a verdade derradeira.

E a verdade o deixou nu. Um grito soou padaria afora, seguido do ruído do espelho espatifando-se no chão.

— Eu não, meu Deus! Eu não, meu Deus! Eu não!

O atendente da padaria batia à porta feito um louco:

— Senhor, senhor! O que aconteceu? Senhor, vou chamar um médico.

— Não!

Os ouvidos de Frederico estavam surdos. Tentava desesperadamente juntar os cacos do espelho a fim de se certificar da verdade desvelada. Nos cacos que ainda lhe podiam refletir fragmentos, fitava os cabelos ralos, grisalhos, o rosto sulcado pelo tempo, os olhos desidratados, a pele macilenta. Via os lábios tão secos, finos, e suas mãos, ensanguentadas, com sulcos e vasos de artérias que pareciam suspender-se. Não, não era real. Não havia passado, não havia memória, não havia nada.

Um dia despertou e era senil. Nem sombra, nem rastro. Estava louco? Sonhava?

— Senhor! Senhor! – batia freneticamente à porta o atendente.

Só lembrava a maldita prostituta. Seria o diabo vestido de saia a sugar-lhe a juventude?

Onde estava o seu passado? O atendente arrebentou a porta, e viu prostrado de joelhos o velho diante do espelho, com olhos estupefatos, lacrimosos, as mãos ensanguentadas e cacos, muitos cacos de espelho que ele tentava em vão amontoar com as mãos, feito um louco.

— Senhor, pare com isso já!

— Não me dê ordens, moleque! - e já falava feito um velho – Que dia é hoje?

— Terça-feira, 2 de julho, senhor.

— Que ano?

O rapaz riu de soslaio, pensou tratar-se de alguma piada.

— É sério, senhor?

O homem ficou roxo de raiva, a ponto de se notar as veias erigindo do pescoço.

— 1996, meu senhor. Chamamos um médico.

Tentava lembrar-se. Era a prostituta. Era a prostituta. O diabo de saia, bem diziam os antigos, era o diabo de saia. O uísque, meu Deus... O diabo sugou sua juventude. Não era real. Não era real.

— 1967.

— Como?

— 1967. Era 1967 quando me deitei. Era 1967. Você está mentindo. O que está acontecendo? O que deram para mim?

O atendente tentou ajudá-lo a se levantar, mas Frederico empurrou-o com força e com os dedos ensanguentados apontou-lhe o indicador trêmulo: "Não toque em mim, seu filho duma puta!", e continuou a amontoar os cacos, vez por hora pegava um ou outro de maior tamanho e contemplava os fragmentos do seu reflexo. Não era ele, não era Frederico. Não era real. Não.

Não encontrava memória, nem lembrança, nem nada. Só a prostituta, o uísque e 1967. Era 1967 quando se deitara pela última vez.

O atendente fitou-o prostrado. Logo chegou um enfermeiro e uma senhora.

— Frederico! – chamou a distinta mulher, com os olhos precipitando lágrimas.

Frederico olhou-a. A prostituta se disfarçara de senhora com olhos caridosos?

— Frederico... O que aconteceu com você? Te procurei por toda a parte...

O homem fitou-a nos olhos, tentando encontrar alguma pista. Permitiu que o ajudassem a se levantar. Depois olhou as mãos ensanguentadas, ainda mudo, arisco feito um bicho. De quem eram aquelas mãos? Os dedos. Um vazio na alma apossou-se dele e a visão do enfermeiro era perturbadora. Deslizava os dedos imundos de sangue pelo rosto envelhecido, ressecado, com marcas de um tempo sem memória. Quando a mulher tocou-o enlouqueceu.

— Não toque em mim! Saiam daqui!

— Querido, sou eu, Mirtes, meu amor. Vamos pra casa.

O velho ajoelhou-se, novamente, diante do amontoado de cacos do espelho quebrado procurando fragmentos do seu reflexo. Os cabelos brancos, os dentes amarelos, as unhas amareladas, espessas, o sulcos no rosto, uma vida sem vida, sem sombra de memória. Onde estava o passado? A prostituta, o uísque, 1967. Tinha de acabar. Tinha de acabar. Mirtes, quem era Mirtes? A prostituta... Mas era jovem a prostituta... Eram os mesmos olhos disfarçados...

O homem fitou-a, reconhecendo.

— Meu amor – sorriu a mulher, palidamente.

— Prostituta! – gritou, avançando na mulher com um caco de espelho.

E tudo se apagou.

Abriu os olhos, cansados, molengas. Ouviu um bip. Era uma máquina que lhe media os batimentos cardíacos. Tinha as mãos enfaixadas. Procurou erguer-se, mas o corpo parecia sedado. Mirtes cochilava numa pequena poltrona do quarto do hospital. O que havia acontecido?

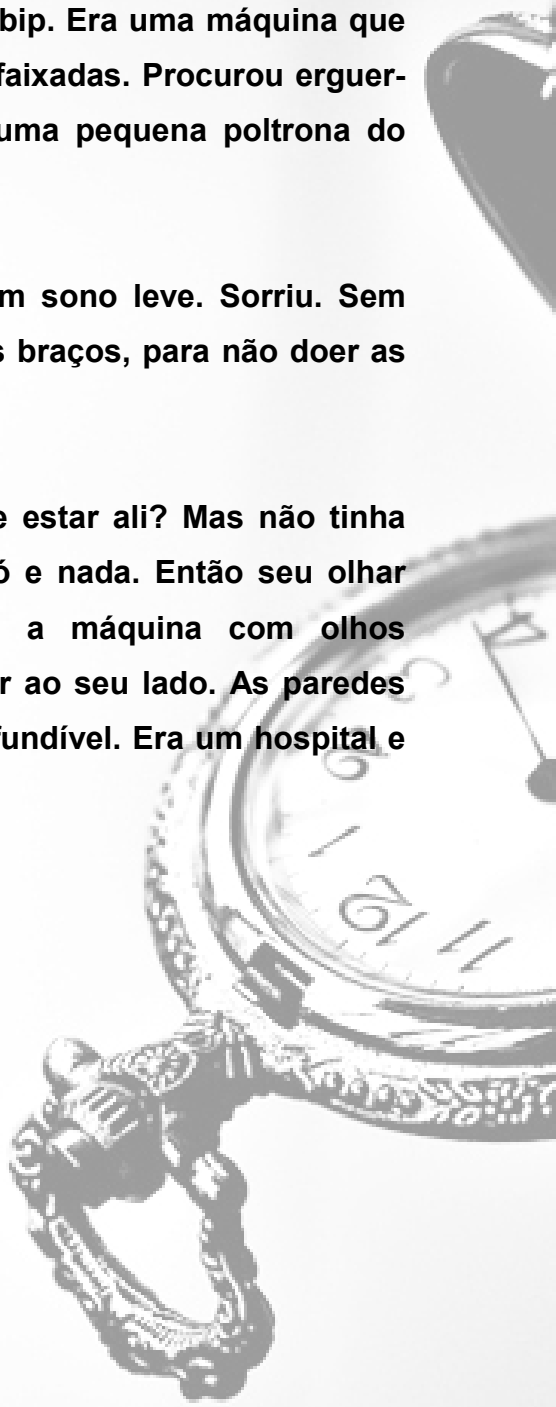
— Mirtes... – chamou o homem.

A mulher despertou como que estivesse em um sono leve. Sorriu. Sem dizer uma palavra beijou-lhe o cenho e segurou-lhe os braços, para não doer as mãos machucadas.

— Descansa, meu amor.

Frederico tentou lembrar-se. Como sucedera de estar ali? Mas não tinha lembrança, como se a vida tornasse em sombra e pó e nada. Então seu olhar esvaziou-se, novamente. Ouviu um bip. Observou a máquina com olhos contraídos, tentou dizer alguma coisa. Olhou a mulher ao seu lado. As paredes brancas, o cheiro de hospital. Sim, o cheiro era inconfundível. Era um hospital e sentia-se perturbado.

— Mulher... Onde estou? O que é aqui?



Sobre os autores

Marcelo Pessoa
Professor, doutor
Universidade do Estado de Minas Gerais
E-mail: mpmarcelopessoa@yahoo.com.br

Caroline Kalil
Bacharel em Teologia; graduanda em Letras
Universidade de Franca
E-mail: ckalil226@gmail.com